

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

Entre fios, comadres e cumbucas: o cotidiano e as negociações de gênero das operárias da Fábrica Santa Rosália em Sorocaba (1903-1914)

Kamila C.V. NASCIMENTO¹, Tiago H. B. WATANABE².

RESUMO: A presente pesquisa é um desdobramento de uma investigação anterior realizada no IFSP - Campus Sorocaba, que analisou as representações do ser mulher nas páginas do jornal *Cruzeiro do Sul*, entre 1903 e 1907. Ao buscar compreender o papel do periódico na difusão, elaboração e reelaboração de um ideal feminino descobrimos que o ideal burguês de mulher, centrado no cuidado e na submissão, era fortemente difundido. Contudo, ao longo de nossa análise identificamos a emergência de outras expressões de feminilidade, revelando contradições e questionamentos. Ao final, nos perguntávamos: como as mulheres de Sorocaba, pertencentes a diferentes classes e raças, negociavam com esse ideal burguês. Nesta nova etapa, ampliamos o recorte temporal para 1903 a 1914 e direcionamos o olhar para o cotidiano das operárias da Fábrica Santa Rosália – mulheres que se desviavam do ideal burguês –, buscando compreender de que forma suas experiências de trabalho e vida comunitária se entrelaçavam com as representações e performances de gênero da época.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres, História de Sorocaba, gênero, cotidiano, operárias.

Between Threads, Godmothers, and Bowls: The Daily Life and Gender Negotiations of the Workers at Santa Rosália Factory (1903–1914)

ABSTRACT: This research is a continuation of a previous investigation conducted at IFSP - Sorocaba Campus, which analyzed representations of womanhood in the pages of the newspaper *Cruzeiro do Sul* between 1903 and 1907. In seeking to understand the role of the periodical in the diffusion, elaboration, and re-elaboration of a feminine ideal, we found that the bourgeois ideal of woman, centered on care and submission, was strongly disseminated. However, throughout our analysis, we identified the emergence of other expressions of femininity, revealing contradictions and questioning. In the end, we asked: how did women from Sorocaba, belonging to different classes and races, negotiate with this bourgeois ideal? In this new stage, we expanded the temporal scope from 1903 to 1914 and focused on the daily lives of the workers at the Santa Rosália Factory — women who deviated from the bourgeois ideal — seeking to understand how their experiences of work and community life intertwined with the representations and gender performances of the time.

KEYWORDS: women, history of Sorocaba, gender, daily life, factory workers.

INTRODUÇÃO

Escolhemos investigar as operárias da Fábrica Santa Rosália principalmente por conta de uma proximidade física. O Instituto Federal Campus Sorocaba se localiza em um terreno outrora pertencente à fábrica, abrigando uma vila operária. Era ali que se desenrolava o cotidiano dessas mulheres. Procuramos investigar as práticas cotidianas das operárias articulando-as com o ideal burguês de família e feminilidade. Desejávamos vislumbrar o que emergia do encontro entre o ideal e o concreto. Nossa

¹ Graduada em História, graduanda em Pedagogia, bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus Sorocaba., c.vigarani@aluno.ifsp.edu.br.

² Prof Doutor em História no IFSP, Campus Sorocaba, tiago.hideo@ifsp.edu.br.

hipótese é que, embora não fossem alheias ao ideal burguês, a realidade concreta das operárias exigia uma agência que, em maior ou menor medida, desviava da norma.

Ao nos depararmos com a inexistência ou dificuldade de acesso a fontes que nos dessem pistas desse cotidiano, bem como aos nossos próprios limites de produção acadêmica, recorremos à bibliografia local (Herrera, 2018) (Massari, 2011), análise de mapas e de jornais para uma reconstrução do espaço geográfico onde suas vidas se desenrolavam. Além disso, recorreremos a bibliografias do mesmo momento histórico que tratassem da vida operária em outras regiões do Brasil (Rago, 2014) (Fraccaro, 2017; Fraccaro 2018), (Bilhão, 2008). Adota-se a fabulação crítica (Hartman, 2020; Hartman, 2021) como metodologia que, sem pretender substituir o arquivo, propõe imaginar possibilidades de existência a partir das frestas documentais.

Por fim, nosso recorte temporal é o de 1903 até 1914, pois, a partir de 1914, a vila operária da fábrica passou por alterações significativas em momentos distintos, o que ampliaria excessivamente o nosso recorte. Além disso, até 1914, realizamos uma análise recente dos jornais *O Operário* e *Cruzeiro do Sul*, nos permitindo aprofundar o entendimento do contexto de Sorocaba no período.

MATERIAL E MÉTODOS

Para a execução da pesquisa, utilizamos fontes como artigos científicos em plataformas online e livros que contemplavam temas como estudos de raça e gênero e a História de Sorocaba. Além disso, em virtude da escassez de fontes, foi preciso pensar em outras formas de escrever o presente texto, negociar na escrita um fazer que atravessou o corpo. Assim, algumas passagens presentes no relatório final recorrem à descrição sensorial e construção de cenários possíveis, assumindo um caráter experimental, a partir de dados da historiografia geral e analogias com contextos semelhantes, em diálogo com a proposta de fabulação crítica. Essas descrições não devem ser entendidas como reconstituições literais, mas como recurso para explorar dimensões subjetivas e relações cotidianas das operárias. No presente resumo, contudo, o tom ensaístico e reflexivo ainda se faz presente, embora de modo mais contido em virtude do que é solicitado. Resguardamos o caráter experimental e o uso de descrições sensoriais para o corpo completo do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pontapé inicial para realizar a investigação proposta foi um olhar cuidadoso para os arredores do prédio do IFSP- Campus Sorocaba, um espaço anteriormente experienciado por outros agentes sociais e com sutis vestígios sobre o que já foi. Esse movimento nos levou a refletir sobre como a organização espacial da vila impactou a vida das operárias. E não só, o caminhar também atravessa a escrita, possibilitando imaginar rotas possíveis, mesmo quando elas são feitas de incertezas e lacunas.

Assim, em um primeiro momento, nos dedicamos a compreender a disposição espacial da fábrica e da vila operária. A partir desse mapeamento, seria possível vislumbrar onde as operárias da Santa Rosália viviam e quais eram suas possibilidades de sociabilidade e deslocamento, revelando fragmentos de suas experiências cotidianas.

Inicialmente, a proposta da pesquisa era reconstituir o cotidiano das operárias através da caminhada a partir da vila operária até o centro da cidade, investigando as possibilidades de encontro com outras mulheres que tencionassem ou confirmassem o ideal burguês de feminilidade e família. Cantos poderiam ser ouvidos à beira do rio, entoados por lavadeiras dividindo informações e cuidando de suas crianças. Meninas aprendendo a serem boas mães e esposas poderiam ser avistadas entrando e saindo do Colégio Santa Escolástica. Em meio ao barulho e aos diferentes cheiros emanando do Mercado Municipal, as operárias poderiam encontrar outras trabalhadoras. No Largo de Santo Antônio, essas mulheres estariam caminhando em um espaço acostumado a vibrar com o som dos batuques e rodas de umbigada. As possibilidades de encruzilhada seriam muitas.

Percebemos, porém, que este recorte, embora rico, ampliava excessivamente os limites da investigação atual. Assim, nos restringimos à vila operária como cenário, e a própria ideia de caminhada foi assumindo outro sentido. Ela deixou de ser apenas deslocamento e passou a ser uma forma de pensar e compor a narrativa. O caminhar nos forneceu subsídios para encontrar pontos-chave que ancorassem a narrativa: a fábrica, o tanque de água, as casas, o rio. A partir desses pontos, pudemos imaginar significados cotidianos: as formas de solidariedade entre mulheres, os atravessamentos da violência, os sentidos do trabalho doméstico e das práticas de cuidado, os gestos de resistência e a possibilidade de uma ação política nas bordas do que se entende como política. Se em um primeiro momento a caminhada

foi pensada como um percurso espacial da vila ao centro, buscando encontros e tensões, com o decorrer da pesquisa ela tornou-se uma forma de pensar e compor a narrativa, fornecendo pistas e abertura para pensar o cotidiano das operárias.

Na fábrica lidavam com horas extenuantes de trabalho e salários inferiores. Os homens eram os que ocupavam os cargos de poder e detinham também o controle sobre o tempo, o salário, a continuidade da contratação e tentavam ainda exercer domínio sobre os corpos das trabalhadoras. O assédio sexual era uma prática recorrente, vinda principalmente dos homens ocupando cargos de poder, o que possibilitava uma coação por meio de multas, suspensões ou mudanças para maquinário danificado (Bilhão 2008). Apesar disso, a fábrica representava também sustento: fonte de rendimentos essenciais para a sobrevivência e, em alguns casos, um locus de redes de solidariedade entre mulheres.

No lar, o tempo rigorosamente marcado no ambiente fabril, se dilui em tarefas contínuas; escorre entre os dedos, acumula-se nas panelas, na agulha, nos cuidados. Não há sirene indicando o fim. Em suas casas as operárias se deparavam, portanto, com o trabalho doméstico, trabalho reprodutivo: responsável pela produção e manutenção da vida. Sem o qual, do começo ao fim da vida, o ser humano não poderia sobreviver. É um trabalho insistente, mas encoberto sob o véu da invisibilidade; é da esfera privada, da intimidade. Todas as pessoas demandam dele, mas ele é feito quase sempre exclusivamente por mulheres. O trabalho doméstico foi transformado em instinto, fruto de capacidades intrínsecas do feminino e em ato de amor. Esse fazer diário, embora permeado por dor e esgotamento físico e emocional, também podia abrigar cuidado, afeição e prazer e, entre uma tarefa e outra, pequenas brechas se abriam para a mulher operária.

À beira do tanque ou no remendo de uma roupa feito na varanda vão se bordando afetos e laços de solidariedade. Redes tecidas entre as mulheres operárias mostravam-se prática essencial para a sobrevivência e busca por uma vida digna para a família e comunidade. Essa busca, contudo, não é garantida: é fazer diário, cheio de incertezas e lacunas, inerentes à sua realidade. Essa necessidade se dava, em parte, como resultado das ausências do Estado. Na falta de instituições de ensino, saúde e segurança; mães, filhas, irmãs, netas, avós, vizinhas e comadres apoiavam-se mutuamente para suprir necessidades por intermédio de formas alternativas de cuidado. Quando um filho se encontrava doente, uma pessoa mais velha precisava de atenção, se a fome apertava o estômago ou se uma situação afligia essa operária, recorria-se a quem? Como em outros contextos populares (Azeredo, 2010), é plausível supor que a operária não recorria ao poder público ou ao patrão, mas aos laços construídos em encontros: à amiga, à vizinha, à benzedeira. Assim, o apoio para o enfrentamento de dificuldades era prática cotidiana e encarnada na experiência dessas mulheres

Nessas trocas cotidianas entre operárias um senso de identidade coletiva poderia se fortalecer. Nessa perspectiva, a realidade poderia ser lida como manipulável, auxiliando no movimento à ação. Quantas reivindicações não nasceram só nas grandes organizações chefiadas por homens, mas também na partilha diária; quando a luta cotidiana se torna luta organizada e política? Segundo o Boletim do Departamento Estadual de Trabalho (apud Fraccaro, 2018, p. 83), as mulheres e meninas compunham quase 72% da força de trabalho no setor têxtil. Essa expressiva presença sugere que uma mobilização coletiva seria muito improvável sem contar com as mulheres. Assim, as operárias não só desbordavam os contornos do ideal burguês ao ocupar o espaço público por meio do trabalho assalariado, mas também por meio da luta.

No palco da igreja como encontro com o sagrado, por meio dos discursos veiculados, ocorria um novo choque entre o modelo ideal e as possibilidades concretas. A realidade da mulher operária não possibilitava o cuidado constante do marido, dos filhos e da higiene da casa. Seus relacionamentos amorosos podiam ser mais fluidos, e as negociações feitas diariamente pelas operárias só podem ser imaginadas. Poderiam curvar-se — ou tentar — ao ideal conservador sobre família e mulher, mas também encontrar e experimentar brechas e pontos de tensionamento nesse ideal. Algumas, talvez, negassem com convicção esse padrão, buscando distanciar-se dele, embora às vezes tropeçassem sem perceber onde. No mesmo dia e em situações diferentes, poderiam performar distintas formas de feminilidade. E entre essas possibilidades existem outras tantas; assumidas com firmeza, hesitação, experimentação, indiferença, reinterpretação.

Por fim, o rio poderia constituir-se como encruzilhada: espaço de encontro com outras trabalhadoras e onde o lazer e o insistente trabalho doméstico convergiam. A partir desses eixos de análise, foi possível observar como o ideal burguês de feminilidade, ainda que dominante, não era passivamente absorvido. É na pequenez cotidiana que se revela a impossibilidade de atender a um ideal

de mulher criado por terceiros. E nem sempre esse não atendimento era recusa firme; por vezes era só impossibilidade.

CONCLUSÕES

O desejo inicial da pesquisa era investigar, por meio do cotidiano, os sentidos relacionados ao ser mulher produzidos pelas operárias, suas performances do feminino e negociações com o ideal burguês. No entanto, acessar essa teia complexa de significados se revelou um desafio. Existe um significado socialmente construído do que é ser mulher, solidificado no ideal burguês de feminilidade. Mas os sentidos particulares dessa experiência se constroem a partir do cotidiano, do trabalho, das relações, das escolhas e impossibilidades de cada uma. Para gerar sentido, algo precisa ser elaborado, sentido e digerido e essa complexidade, gestada no âmago do outro, não é acessível. O que é negociado internamente não pode ser visto. O que se tem são fragmentos de um cotidiano possível e sobre os quais é possível questionar: o que é ser mulher para quem trabalha por longas horas? Para quem se organiza com outras mulheres em busca de direitos? Para quem se aproxima ou se afasta das normas familiares? Para quem vive afetos não previstos? Nesse cotidiano, observamos o que escapava da moldura do ser mulher guiado pelos estereótipos de gênero. Já não cabia ao marido o papel exclusivo de provedor: o sustento vinha também das mãos da mulher e da solidariedade entre vizinhas. O ideal escapava quando a solidariedade cotidiana virava ação política e a vida pública não era vista como possibilidade feminina. Quando, para trabalhar, era preciso deixar o filho com outra pessoa. Quando se anda sozinha, sem a companhia de um homem. Quando lava a própria roupa no rio.

Por fim, dizer sobre o outro é sempre um desafio, ainda mais quando esse outro me escapa. Há o risco de projeção: atribuir a essas mulheres expectativas, desejos e posicionamentos que não lhes pertencem. Criar o que se gostaria que tivesse acontecido, para que a história ficasse mais bonita. Qualquer narrativa é um recorte, ainda assim, não desejamos criar um texto idealizado. Não falamos sobre um grupo unívoco. Tampouco dual: entre mulheres que incorporam o discurso conservador e vozes libertárias que se sobrepõem ao barulho das máquinas. Por serem humanas, são embebedadas em contradições e, ainda assim, essas contradições não invalidam ou diminuem suas ações. A forma como racionalizavam algo talvez não correspondesse necessariamente à forma como agiam no mundo. Poderiam se desunir mesmo enquanto buscavam a união. As reivindicações por melhores salários, pela redução na jornada de trabalho ou por um espaço para deixar os filhos poderiam representar mais uma necessidade pulsante do cotidiano do que uma ação organizada por uma tomada de consciência política — e ainda assim eram reivindicações políticas, pois o viver assim o é. Organizarem-se para cuidar umas das outras não impedia que houvesse julgamentos e escolhas sobre quem acolher e quem não ajudar. Ser mulher pobre não impedia de, por vezes, nutrir distanciamentos em relação a outras, tampouco de se reconhecer nesse outro e ali plantar gentileza. Ou ainda, não impedia a construção de relações incertas, que dançavam entre avanço, receio e tropeço. Nem mártires, nem revolucionárias: cotidianas.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Este projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito do Edital nº 09/2024 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-Campus Sorocaba). Agradeço a todas as pessoas envolvidas na realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, V. G.. Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. **Serviço Social & Sociedade**, n. 103, p. 576–590, jul. 2010.

BILHÃO, Aparecida Isabel. Mulheres operárias na Porto Alegre da virada do século XIX para o XX. **Vestígios do Passado: a história e suas fontes**. [s.ed.] 2008.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro. Discursos do progresso e persistência da tradição: a remodelação urbana de Sorocaba (1914-1921/1938-1943). **Politeia-História e Sociedade**, v. 6, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3896>. Acesso em: 22 de outubro de 2024.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Tá vendo aquele edifício, moço?** lugares de memória, produção da invisibilidade e processos educativos na cidade de Sorocaba. 2017. 221 f. Dissertação de Mestrado. Curso de Educação, Ufscar, Sorocaba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8969>. Acesso em: 20 de outubro de 2024.

DE ALMEIDA, Jane Soares; GOMES, Calil de Siqueira. A educação feminina à luz da missão educativa da igreja católica: as irmãs beneditinas de Tutzing em Sorocaba. **Interfaces da educação**, [S. l.], v. 5, n. 13, p. 157–178, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/483>. Acesso em: 6 de outubro de 2024.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 447-485.

FRACCARO, G. C. C.. Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917 em São Paulo. **Revista Brasileira de História**, v. 37, n. 76, p. 73–90, set. 2017.

FRACCARO, G. C. C.. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Trad. José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n.3, p. 12-33, 2020. Trad. Marcelo R.S. Ribeiro e Fernanda Silva e Sousa. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 8 de janeiro de 2025.

HERRERA, Henrique Martines. **Manchester Paulista?** Formação de Classe e Lutas de Trabalhadores e Trabalhadoras Têxteis Em Sorocaba, 1890-1930. 2018. 308 f. Dissertação de Mestrado. História, Universidade Federal de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/24c51277-a92d-400a-8c26-a8f063ad0f66>. Acesso em: 04 de novembro de 2024

MASSARI, Marco Antônio Leite. **Arquitetura industrial em Sorocaba: o caso das fábricas têxteis**. 2011. 154 f. Dissertação de Mestrado. Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13012012-113516/pt-br.php>. Acesso em 10 de outubro de 2024

MÉNDEZ, N. P. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Mulher e Trabalho**, v.5, p. 51-63.

MONTELEONE, J. DE M.. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, p. e48913, 2019.

PEREIRA, Allan K. Escritas insubmissas: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481–508, 2021. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1719>. Acesso em: 9 de janeiro de 2025.

SILVA E SOUSA, Fernanda. Sem nomes e sem histórias, mas amados: a escrita da história da escravidão em Perder a mãe, de Saidiya Hartman. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–31, 2023. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1997>. Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista 1890-1930. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 507-531.